

SEMINA

Revista dos Pós-Graduandos em História - UPF

Dossiê: “A produção historiográfica através das fontes impressas e da imprensa”

Volume 22 | Número 2 | Ano/período: maio/agosto 2023

Edição eletrônica

DOI: 10.5335/srph.v22i2.14883

ISSN: 2763-8804

O ideário da propaganda republicana na Parahyba do Norte, através das páginas do jornal “Verdade”, da cidade de Areia, PB (1888-1892)

Ivandro Batista de Queiroz ¹  

DOAJ
DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

OPEN  ACCESS

Referência

QUEIROZ Ivandro Batista. O ideário da propaganda republicana na Parahyba do Norte, através das páginas do jornal “Verdade”, da cidade de Areia, PB (1888-1892). **Revista Semina**, Passo Fundo, vol. 22, n. 2, p.155-169, mai-ago 2023.

Recebido em: 10/04/2023 | **Aprovado em:** 01/05/2023 | **Publicado em:** 20/07/2023

¹ Mestre em História pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande (PPGH-UFPG). Professor na Educação Básica pela Secretaria de Estado da Educação – SEE/Paraíba, atuando no município de Sumé, PB.

O ideário da propaganda republicana na Parahyba do Norte, através das páginas do jornal "Verdade", da cidade de Areia, PB (1888-1892)

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar as principais influências ideológicas na campanha republicana, e nos primeiros anos de instalação da instituição republicana no Brasil. O espaço ocupado na propaganda por ideologias outras, que não as mais famosas (positivismo), tais como o liberalismo norte-americano e o jacobinismo francês, traziam como apelo central a ânsia pela participação política no novo regime, inscritas em palavras bastante repetidas como liberdade e democracia. A instalação da República tornou-se sinônimo de democracia, liberdade e progresso, enquanto a Monarquia tornou-se sinônimo de arcaico, atraso e autoritarismo. Ao final deu-se a instalação de República oligárquica e o descontentamento com os rumos políticos que o país tomou.

Palavras-chave: Jornal. Propaganda. República. Ideologias.

The ideological framework of the Republican propaganda in Parahyba do Norte, as conveyed through the pages of the newspaper "Verdade" from the city of Areia, PB (1888-1892)

Abstract

This article aims to analyze the main ideological influences in the Republican campaign and in the early years of the establishment of the Republican institution in Brazil. The space occupied in propaganda by ideologies other than the most famous one (positivism), such as American liberalism and French Jacobinism, had as their central appeal the desire for political participation in the new regime, expressed through frequently repeated words like freedom and democracy. The establishment of the Republic became synonymous with democracy, freedom, and progress, while the Monarchy became synonymous with archaic notions, backwardness, and authoritarianism. In the end, an oligarchic Republic was installed, leading to dissatisfaction with the country's political direction.

Keywords: Newspaper. Advertising. Republic. Ideologies.

El ideario de la propaganda republicana en Parahyba do Norte, a través de las páginas del periódico "Verdade" de la ciudad de Areia, PB (1888-1892)

Resumen

Este artículo tiene como objetivo analizar las principales influencias ideológicas en la campaña republicana y en los primeros años de establecimiento de la institución republicana en Brasil, específicamente en Parahyba do Norte a través del periódico "Verdade" de la ciudad de Areia, PB (1888-1892). Además del positivismo, ideología más conocida, la propaganda republicana también fue influenciada por corrientes como el liberalismo estadounidense y el jacobinismo francés. Estas ideologías enfatizaban el deseo de participación política en el nuevo régimen, expresado a través de palabras recurrentes como libertad y democracia. La instalación de la República se convirtió en sinónimo de democracia, libertad y progreso, mientras que la Monarquía se asoció con conceptos arcaicos, atraso y autoritarismo. Sin embargo, al final se estableció una República oligárquica, lo que generó descontento con la dirección política que el país tomó.

Palabras clave: Jornal. Propaganda. República. Ideologías.

Com o aprofundamento da pesquisa no jornal, delimitamos o tema para a propaganda republicana e os anseios por uma nova sociedade, no Brasil do final do século XIX, na visão dos redatores e através dos textos extraídos. Na maioria das vezes selecionamos os temas que constavam nas manchetes de capa, em artigos de extratos mais longos e na sessão gazetilha, anotando como os assuntos foram abordados em série.

Com os problemas colocados e diante da necessidade de aprofundar a compreensão do texto, consideramos a importância de trabalhar com a linguagem, com as palavras usadas e com significados desgastados pelo tempo. A partir do referencial teórico-metodológico da análise do discurso de Foucault (2014;2015), podemos compreender as continuidades e rupturas nos discursos, bem como as intenções veladas.

Como metodologia principal, utilizamos o método genealógico de Foucault, com a proposta de uma história serial, tomando os documentos (edições de jornal) em série. Na tentativa de compreender o texto jornalístico, usamos dos quatro princípios do método: a inversão, a descontinuidade, a especificidade e a exterioridade. Como afirmou Foucault (2014, p.50): "os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas, que se cruzam por vezes, mas também se ignoram ou se excluem". A partir da série de jornais, podemos analisar como os discursos republicanos se construía, os temas que se repetiam, os assuntos de menor importância ou omitidos, bem como as diferenças entre os escritos de autoria dos redatores do jornal e os extratos de textos de outros jornais.

Outro conceito importante para a pesquisa foi o de formação discursiva. Segundo ensina Orlandi (2020, p.41): "O discurso se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra, para ter um sentido e não outro. Por aí podemos perceber que as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem".

A partir dos ensinamentos da professora Eni Orlandi (2020; 2008), podemos inferir que os sentidos das palavras se dão na interação entre a linguagem e a ideologia, nas interações ideológicas dos grupos e no interdiscurso. Os próprios sujeitos se constituem como integrantes de grupos ao repetirem e afirmarem determinados discursos, sejam eles políticos, religiosos etc. O estabelecimento da subjetividade dos sujeitos se dá na formação discursiva, sendo importante observar as palavras usadas nos discursos para compreender as lógicas inerentes às suas ideologias.

A escolha pelo conceito de formação discursiva se deu para solucionar um problema: muitas vezes não se conseguiu identificar a autoria dos textos dos redatores do jornal ou

dos extratos. Nas colunas editoriais de capa do jornal *Verdade*, na maioria das vezes, não havia referência ao autor do texto. E foram poucas as notas ou colunas editoriais no jornal assinadas por indivíduos. Muitos dos escritos no jornal ou textos de outros jornais eram extratos sem identificação de fonte.

Assim, tornou-se importante a busca pelos textos originais (quando possível) para comparação, tomando como conceitos de análise as ideias de autor e comentário. Como ensina Foucault (2014, p. 24): “[...] o comentário não tem outro papel, seja quais forem as técnicas empregadas, senão o de dizer enfim o que estava articulado silenciosamente no texto primeiro”. Desse modo, optamos por analisar os textos do jornal a partir desses princípios de agrupamento do discurso (autor e comentário), observando sempre a **apropriação social dos discursos**.

Desse problema também resulta a escolha por estudar as ideologias que se constituíam nas formações discursivas, presentes na propaganda republicana do jornal. Segundo Chauí (1981, p. 11) a ideologia pode ser definida como “um conjunto lógico, sistemático e coerente, de representações (ideias e valores) e normas ou regras de conduta que indicam aos membros da sociedade o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer”. Nesse contexto, a ideologia tem por base a realidade social, mas pode dela afastarse para construir um mundo ideal. Foi muito do que vimos na propaganda republicana do jornal *Verdade*, quando sonha mudanças sociais sem propor reformas efetivas.

O objetivo geral desta pesquisa foi investigar qual formação discursiva prevaleceu no jornal *Verdade* nos planos para uma nova sociedade republicana, quais os sonhos para o novo regime político na propaganda. Como três ideologias políticas divergentes puderam conviver no jornal (positivismo, liberalismo e jacobinismo), ocupando espaços de acordo com a importância dada pelos redatores; e ainda se somarem às ideias espíritas defendidas pelos jornalistas. Para isso tentamos compreender quem eram os homens letrados, suas profissões, o que faziam, as redes de sociabilidade entre eles e os espaços públicos que ocupavam na cidade de Areia.

O espaço da pesquisa é a cidade de Areia, no final do século XIX. Uma pequena cidade de 3 mil almas, que na época gozava de importância econômica e política na província da Parahyba do Norte. Por conta do desenvolvimento econômico, resultado das condições climáticas favoráveis do Brejo e da produção agrícola diversificada (apesar da decadência da produção de canadea-úcar), a cidade apresentou um certo desenvolvimento urbano na segunda metade do século XIX.

Nesse ambiente de crescimento urbano em Areia, na segunda metade do século XIX, surgiu o Teatro Minerva (1859), o gabinete de leitura/biblioteca (1871) e diversos jornais

foram publicados: *O Areiense* (primeira fase 1877-1880; segunda fase 1887-1888), *O Século* (1883), *A Educação* (1883) e *Verdade* (1888-1895), entre outros. Esses espaços e os jornais eram símbolos de civilização, da modernidade urbana. Afinal, na cidade de Areia esse discurso, ratificado pelo jornal *Verdade*, se repete até hoje, como Areia sendo “a cidade das letras e das artes”. Os areieenses orgulham-se do título, porque embora essa cultura letrada tenha atingido pequena parcela da população, vários de seus conterrâneos se formaram como bacharéis na Faculdade de Recife ou foram professores do Lyceu Paraibano no final do século XIX. Os homens letrados de Areia, mesmo que em pequeno número, conseguiram com suas ideias influenciar toda a Parahyba.

O surgimento do jornal *Verdade* em 1888 está inserido nesse contexto social, de busca de uma imagem de cidade moderna e civilizada para Areia. Os homens letrados, editor-chefe, redatores e tipógrafo eram pessoas instruídas, com formação acadêmica tais como farmacêutico, bacharel, professor e poeta. Quais ideias queriam comunicar? Quais os principais objetivos do jornal? Que linguagem usavam? Tentaremos responder essas perguntas ao longo do texto, dizendo inicialmente que o jornal começou para dar suporte ao movimento abolicionista da cidade e que ele próprio se dizia como grande propagador das ideias modernas de civilização e debatia as questões públicas da cidade.

Devemos considerar que essa cultura letrada atingia apenas um pequeno e seleto grupo, pois a maior parte da população permanecia iletrada. Como demonstra o Recenseamento do Brasil de 1872 (IBGE, 1874), quando afirma que Areia tinha apenas 10% de pessoas alfabetizadas (em um universo de cerca de 3 mil habitantes), mas uma classe média urbana significativa: 8 advogados, 1 médico, 3 farmacêuticos, 7 professores ou homens de letras, 10 empregados públicos e 49 artistas (incluindo aí diversas profissões manuais). Esses números demonstram o significativo crescimento urbano na segunda metade do século XIX e as trocas culturais com outros centros urbanos (Recife).

Manuel José da Silva Júnior, ou Manoel José da Silva, apenas, nome que adotou após a morte de seu pai de mesmo nome. Sobre seu pai, sabemos somente que tinha um sítio nas redondezas de Areia (GAUDÊNCIO, 2007, p. 68) e que teve outros quatro irmãos. Dois eram professores e outro era comerciante. A família tinha poucos recursos, mas primava pela erudição de seus filhos, a exemplo de seu irmão Joaquim. Manoel foi enviado para Salvador, Bahia. Lá estudou por alguns anos e formouse em farmácia na Faculdade de Medicina da Bahia, bem como entrou em contato com ideias abolicionistas. Manuel da Silva foi por muitos anos o editor chefe e dono do jornal *Verdade*.

O farmacêutico denuncia publicamente as práticas violentas escravistas em Areia, e reclama da falta de números nas casas, usando para isso as páginas dos jornais. É muito provável que todas essas lutas tenham custado muito caro ao seu estado de saúde e

concorrido para seu esgotamento final. Os constantes sangramentos que teve antes de sua morte nos levam a crer que padecia à época de uma úlcera, pois que sofreu diversas crises de hematemese nos anos de 1889 e 1890 (ALMEIDA, 1946, p. 40).

É impressionante como Manuel da Silva esteve envolvido em muitas ações: fundou e presidiu a Emancipadora Areiense, a Beneficente Areiense, o jornal *Verdade* e tocou o gabinete de leituras/biblioteca por alguns anos, ajudou com Rodolfo Pires (o tipógrafo do jornal) a organizar a Irmandade do Rosário, foi delegado da cidade e fiscal da Câmara Municipal etc. Então, as matérias aparecem no jornal *Verdade* como resultado de todas as ações que realizou na cidade, destacandose as ideias que promovia e os temas que julgava ser de interesse público, revelando os embates e a sociabilidade dos grupos de homens letrados do qual participava.

Se não havia espaço para novas ideias na cidade de Areia, o jornal se propunha a ser combativo nesse sentido de levar tais ideias ao conhecimento do público e ser um veículo de comunicação, veículo de instrução pública, lugar de debate de assuntos públicos, “ágora” dos letrados e às vezes de homens simples ou injustiçados. Essa comparação resume melhor a situação da propaganda republicana na cidade, de alcance restrito a pequenos círculos, pois embora houvesse grande empolgação dos redatores com as novas ideias políticas e filosóficas, a maioria atevase às tradições ou nem sequer conseguia entender as novas ideias.

O jornal relatava a vida pública da cidade. Os grandes temas em debate e os espaços públicos tornavam-se notícia: notadamente o gabinete de leituras/biblioteca, o Teatro Recreio Dramático, a relação com a Câmara Municipal, os constantes reclames populares ao fiscal da Câmara e os demais temas de interesse público que variam ao longo dos anos (Socorros Públicos, arborização, instrução pública, Estrada da Onça, banheiro do Quebra, urbanização da praça, situação da cadeia pública, estrada de ferro Conde D’Eu etc.).

Ainda no final do mês de maio de 1888, após o fim oficial da escravidão, o jornal continuou lutando contra as renitentes práticas escravistas. Na edição do jornal *Verdade*, nº. 10 do final de maio de 1888, assim reportase a essa situação: “Raro é o dia que nos não procuram libertos deste e de outros termos visinhos reclamando auxílio e pedindo providencias para obterem a entrega de seos filhos que continuam a sofrer duro captivo sob o domínio de seus exsenhores [...]”.

O jornal chamava a atenção para a manutenção de práticas escravistas na cidade, mesmo após a publicação da lei de 13 de maio de 1888. Denunciava ainda as artimanhas ilegais para manutenção da escravidão, tais como forjar certidões falsas junto ao juiz de órfãos, não matricular escravos ou a situação ilegal dos filhos de escravos menores mantidos na escravidão os chamados “ingênuos”. Nas suas primeiras edições, também

criticaram o hábito bárbaro escravista de usar a violência com açoites para castigar os escravos, exigindo providências das autoridades contra tal abuso.

As ideias republicanas no jornal

Ao final de 1888, na última edição do ano nº. 65, de 26 de dezembro, o jornal *Verdade* faz um apelo aos assinantes para que paguem as mensalidades ou que, caso o jornal chegue ao fim, seria restituído o valor aos assinantes. Termina o jornal a edição com a nota “Ultima Hora” em que diz: “estamos sempre em duvida a respeito do futuro desta folha”. Para manter se, o jornal buscou formas alternativas de financiamento: espaços de anúncios de profissionais ou casas comerciais, publicação de editais da Câmara Municipal ou do juiz municipal e até mesmo impressão de cartões de visita.

Nos primeiros meses de 1889, o jornal *Verdade* passou a ser publicado três vezes por semana, nas terças, quintas e sábados, em uma intensificação da propaganda republicana, e com uma proposta de tornar-se diário, mais barato e acessível para mais leitores, o que não foi possível. No primeiro ano, aparece sob o subtítulo “Órgão abolicionista e noticioso”, e depois em 1889 com o lema “Órgão progressista e noticioso”. Aqui a palavra progressista era tomada quase que como sinônimo de adepto das ideias republicanas. A tiragem do jornal passou de uma média de 200 exemplares (1888) para 320 exemplares em 1889, sendo vendido nos arrabaldes da cidade e em outros lugares da província. A assinatura trimestral do jornal custava mil reis (1\$000), a assinatura por um mês 400 reis e o jornal avulso custava 50 reis.

As ideias positivistas estavam muito presentes no jornal, apesar de constar nominalmente em apenas uma capa do jornal. As referências e apelos à ordem e moralidade públicas, à união das classes, ao incentivo ao trabalho e bons costumes são significativos. As referências à família, à pátria e à humanidade também são uma constante nos discursos. Esse discurso aponta a República como o modelo político mais avançado, baseando-se em determinados valores morais, pois a religião seria agora um laço para a humanidade, como defendiam os positivistas. Os conflitos sociais seriam resolvidos no seio de suas comunidades e o indivíduo tudo faria pelo sacrifício à pátria. Eis que apontavam para um novo ideal de pátria: a República. E logo o adjetivo “patriótico”, para eles, tornou-se quase sinônimo de defensor dos ideais republicanos.

A partir da análise das manchetes de capas e notícias no jornal *Verdade*, vimos que o tema “República” ainda aparece de forma tímida no primeiro ano (1888). Apenas notícias de alguns fatos da propaganda pelo país, na seção gazetilha, de encontros, manifestos ou congressos republicanos, nas diversas províncias do país, ou adesões de figuras importantes

ao Partido Republicano. A primeira nota que aparece sobre o assunto, no jornal *Verdade*, edição nº. 4, de 18 de abril de 1888, na seção Gazetilha, é a seguinte: “Movimento republicano: Grande numero de cidadãos dos mais conceituados da provincia do Sul tem adherido as ideias republicanas, fazendo declarações pelos jornaes”.

Os jornais tiveram importante papel na formação da opinião pública a favor da República. Nesse sentido, as declarações de adesões das pessoas no jornal reforçaram a estratégia dos republicanos de dar visibilidade ao movimento. Além das adesões, o *Verdade* publicou as cartas circulares do partido republicano, a eleição de deputados que se declaravam republicanos em Minas Gerais, a carta programa do club liberal do Pará ou informava sobre a formação dos *clubs* republicanos pelo país.

No final do ano de 1888, no dia 5 de dezembro, *Verdade*, nº. 59, o jornal começa a publicar o compêndio do jornalista republicano Antônio da Silva Jardim chamado “A Republica no Brazil”. Era um escrito mais teórico e longo, feito para a propaganda, e foi publicado em dezesseis edições do jornal, do final de 1888 para o começo de 1889. Esses escritos de Silva Jardim foram saudados na edição nº. 59 como “luminoso escripto” e figuravam, na maioria das vezes, nas colunas editoriais da capa do jornal.

Antes o objetivo principal do jornal era a propaganda abolicionista. Com a proclamação da abolição da escravidão em maio de 1888, puderam dedicarse ao combate do regime monarquista e seus vícios, entre os quais apontavam a burocracia excessiva, os favorecimentos pessoais e o atraso econômico e cultural a que estava relegada a maioria dos brasileiros. Ao que transparece, dos escritos republicanos da propaganda no jornal, fazia parte da estratégia derrubar a escravidão, para assim desestabilizar a Monarquia.

O país fervilhava com as ideias republicanas, e logo após a abolição da escravidão a sociedade brasileira passava por uma grande mudança nos costumes, quais sejam: a substituição para o trabalho livre, o combate à ociosidade; entre as práticas de violência e mandonismo que permaneciam. Formavase uma rede de jornais, na Corte e nas províncias, replicando pelo país as notícias de outros jornais e dos telégrafos, responsável por uma opinião pública nacional que debatia os grandes temas sociais, criticando os excessos e o autoritarismo imperial ou noticiando fatos da capital do Império.

Sobre o projeto ideológico, de construção da República, Carvalho (2017) afirma que três correntes estavam em disputa pela hegemonia, na constituição do novo governo:

Havia no Brasil pelo menos três correntes que disputavam a definição da natureza do novo regime: o liberalismo à americana, o jacobinismo à francesa e o positivismo. As três correntes combateram-se intensamente nos anos iniciais da República, até a vitória da primeira delas, por volta da virada do século. (CARVALHO, 2017, p. 9).

No jornal *Verdade* encontramos uma mescla das três tendências, mas com uma clara preponderância do positivismo difuso (não ortodoxo) e do liberalismo político e econômico de influência norteamericana. Houve no jornal alguns flertes com o jacobinismo, mas sem aprofundar os debates sobre mudanças sociais. A soberania popular e o exemplo da Revolução Francesa foram postos como ideal a serem alcançados, mas não pelo expediente da revolução, e sim, pela via pacífica e gradual.

O jornal manteve sempre essa característica do legalismo, de primar pela ordem, em detrimento de possíveis agitações sociais decorrentes da mudança de regime. Seria essa uma influência das teorias positivistas? É possível que sim. Os positivistas defendiam o regime da ordem e de uma modernidade inevitável (evolucionismo), associada à ciência. Segundo Carvalho (2017, p. 22), para os positivistas conceitos como família e pátria eram muito caros, pois faziam parte da convivência comunitária: “Para Comte, individualismo e vontade geral eram ambas noções metafísicas. O que o comtismo introduzia eram as formas de vivência comunitária, a família, a pátria e, como culminação do processo evolutivo, a humanidade”. Na forma como os positivistas idealizavam a sociedade os conflitos entre as classes eram suprimidos e as vontades individuais submetidas aos interesses comunitários.

O liberalismo foi a ideia defendida pelo jornal *Verdade*, como fórmula de organização social que primava pela ação dos sujeitos, em prol de sua evolução econômica e moral, através do trabalho e da liberdade econômica. O jornal (edição nº. 53) publicou o escrito de Benjamin Franklin chamado “A Sciencia do Bom Homem Ricardo ou Meios de Fazer Fortuna”, um clássico do liberalismo norteamericano que tornou-se popular nos Estados Unidos, na França, e também no Brasil (ARRIADA; TAMBARA; DUARTE, 2015). Os valores defendidos nesse escrito são: a valorização do trabalho e do tempo, de enriquecer através da parcimônia e do homem que se faz pelo trabalho diligente. O liberalismo defendia assim a chamada “liberdade dos modernos”, da livre iniciativa dos sujeitos na economia e vida privada, com algumas restrições na participação política, tendo em vista a ideia de representação parlamentar.

As ideias dos jacobinos (entre eles estava Silva Jardim) era de um modelo mais popular e radical de participação política dos cidadãos. Eles tomavam a Revolução Francesa como ideal de ação política, e defendiam a ampla participação popular: “No caso do jacobinismo, por exemplo, havia a idealização da democracia clássica, a utopia da democracia direta, do governo por intermédio da participação direta de todos os cidadãos” (CARVALHO, 2017, p. 10). Os jacobinos defendiam a liberdade dos antigos, a liberdade do homem público participar das decisões políticas de forma direta, assim como foi na Grécia antiga e em Roma. Era a República das virtudes e do homem público.

Outras novas ideias, que chegavam ao Brasil na segunda metade do século XIX, contribuíram para formar nos intelectuais e nos grupos de homens letrados um cenário favorável à República, pois:

Desde os anos de 1870, a intelectualidade nacional vinha sendo alimentada, como bem se sabe, por uma infusão de novas filosofias que entraram no país. Ao positivismo já posto na camada letrada, se somou, então o evolucionismo, o cientificismo e o materialismo. Eram filosofias que configuravam uma visão de mundo em tudo oposta ao conjunto de ideias e teorias que forjaram o sistema simbólico imperial. (MELLO, 2011, p. 124).

Nesse novo sistema de pensamento forjado pela propaganda, a República representaria a modernidade, a busca pela ciência, o progresso, o governo do saber, em detrimento de um governo da tradição, dos velhos costumes e do clericalismo. A República seria o rompimento dos costumes, a laicização da sociedade e a busca por explicações científicas. Eram ideias da modernidade do século XIX que serviram de base para a instalação definitiva de alguns princípios do capitalismo – notadamente o liberalismo.

Segundo Fernandes (2008), a República no Brasil foi um projeto político que enfrentou muitas instabilidades na primeira década, com o vazio de poder institucional deixado pela Monarquia, e só consolidou o poder das oligarquias ao final do século XIX:

Porém, apesar do projeto oligárquico já estar delineado e parcialmente implementado ainda durante o Governo Provisório, é ao longo da primeira década republicana que as “várias repúblicas possíveis” travam embate, já que, até a institucionalização da política dos governadores por Campos Sales, ainda havia espaço para isso. (FERNANDES, 2008, p. 14).

Nesse embate, das “repúblicas possíveis” e os sonhos de liberdade, para uma nova sociedade republicana, temos o jornal *Verdade* como arauto do positivismo e do liberalismo econômico, pugnando por uma sociedade mais livre, porém sem direitos sociais para todos. Os redatores queixavam-se da “aristocracia de meia tigela”, do “sistema de papelório” da Monarquia, e propunham uma instrução pública como meio de transformação, para chegar gradualmente na república de cidadãos ilustrados.

O jornal, ao flertar com o jacobinismo, com as ideias de propagandistas como Silva Jardim, também vislumbrou na República um novo sistema político em que houvesse maior participação popular. Talvez esse fosse apenas um recurso da retórica da propaganda, tendo em vista que o jornal não aprofundou temas sociais ou de participação política, ou porque acreditavam que a participação deveria se dar nos limites da lei e da ordem como defendiam os positivistas.

Os redatores do jornal *Verdade* almejavam uma mudança dos costumes e da mentalidade pela instrução. Essa mudança passava pela educação cívica, conforme

pregavam os positivistas, que daria aos cidadãos o conhecimento sobre os seus direitos e deveres. Somandose às ideias liberais do jornal, a saída para a transformação social estaria na ação dos sujeitos, na moralização dos costumes e na obediência às leis.

Assim, de acordo com diferentes planos de República, havia dois grupos dentro do partido republicano no Brasil (FERNANDES, 2008). Estes grupos pensaram a forma de alcançar o regime republicano de formas antagônicas, conforme a ideologia e posicionamento político de seus integrantes. De um lado, estava o grupo dos evolucionistas de Quintino Bocaiúva, que planejavam chegar à República de maneira gradual, a partir da propaganda e da evolução dos fatos, sem grandes perturbações da ordem social. No outro lado estavam as posturas incendiárias de Silva Jardim com a ideia de fazer a República chegar pela revolução social, com a participação efetiva da população.

O jornal *Verdade* apesar de “flertar” com a corrente revolucionária do partido republicano, manteve-se na defesa do evolucionismo como melhor forma de chegar à República. O jornal publicava as decisões, reuniões e manifestos do partido republicano na Corte, e falava de Quintino Bocaiúva com certa admiração. Dentro das ideias do programa do jornal, o evolucionismo, a ideia da ordem e da lei, somavam-se às ideias positivistas, porque além da mudança de regime a preocupação era fazê-lo de modo pacífico e ordeiro, sem derramamento de sangue. Mas as ideias incendiárias de Silva Jardim, com suas críticas mordazes e de apelo popular também fascinaram os redatores do jornal.

Talvez o apelo à soberania popular e as referências à Revolução Francesa no jornal *Verdade* fossem mais uma estratégia para obter adesão popular, sem um compromisso social com mudanças sociais ou reformas, tendo em vista que o jornal não se propôs a debater as questões sociais do Brasil e não levou a sério a ideia da revolução social. Ao longo das edições dos anos 1888, 1889 e 1890, as reportagens demonstram um perfil conservador, que embora defendessem algumas mudanças, não abriam mão da lei e da ordem na organização social.

Os propagandistas republicanos descritos no jornal *Verdade* souberam utilizar de várias estratégias: artigos em jornais, conferências dos oradores populares, incentivo ao voto em candidatos republicanos nas eleições, formação de *clubs* republicanos nas cidades, festas alusivas às datas históricas significativas etc. Os propagandistas souberam utilizar de um repertório cultural que atingia as pessoas letradas, mas também os iletrados. Os redatores do jornal também adotaram estas estratégias na cidade de Areia - exceto a criação de um *club* republicano.

Entre as principais ações da propaganda republicana destacamos a ação dos oradores populares, que com seu poder de retórica prendiam audiências por horas, mas não foi só isso. A propaganda republicana se viu fortalecida por inúmeras conferências proferidas por

homens que percorriam o país divulgando o novo ideal político. Entre estes destacaram-se logo Aristides Lobo, Assis Brasil, Lopes Trovão, Coelho Lisboa (advogado, senador e colaborador do jornal *Verdade*) e Silva Jardim. Após as conferências dos oradores populares, seguia-se a formação de *clubs* republicanos nas cidades e adesões ao partido. Silva Jardim foi considerado um dos mais famosos e radical, de discurso eloquente e incendiário, promoveu inúmeras palestras políticas, onde deslegitimava o governo e acusava o sistema político pelo atraso do país.

Antônio da Silva Jardim (1860-1891) foi professor, jornalista, formado em Direito no Largo de São Francisco, em São Paulo, onde teve influências abolicionistas e republicanas. Sobre Silva Jardim, Fernandes (2008, p. 148) assim se refere: “O papel de ‘demolidor do regime monárquico’ talvez tenha sido melhor encarnado por ele do que por qualquer outro propagandista do novo regime”. Silva Jardim pensou um projeto alternativo de República, com apelo para a participação e soberania populares, conciliando ideias jacobinas e positivistas, e em menor escala o liberalismo.

Em seus escritos de propaganda, Silva Jardim pretendia uma República baseada na soberania popular, assim como ideias da Revolução Francesa (a fé no progresso de Condorcet e a vontade geral de Rousseau), mas que seria viabilizada pelo poder do ditador presidente e legitimada pelo sufrágio universal (FERNANDES, 2008). Foi ligado aos pensadores positivistas, no entanto, rompe em um segundo momento com a filosofia positivista ortodoxa, devido às restrições impostas por essas ideias à sua atividade partidária.

Silva Jardim começou a se destacar no início de 1888, proferindo palestras com audiências repletas e atentas. Proferiu 30 discursos em 27 dias, andando pelo Vale do Paraíba, entre São Paulo e Rio de Janeiro (FERNANDES, 2008, p. 108). Na Corte, era conhecida sua influência entre as camadas populares, constituindo-se como uma das vozes mais intensas, de uma retórica incendiária. Como propagandista foi um homem de ação, que soube argumentar e movimentar a cena. Criou polêmicas com importantes figuras políticas de seu tempo, a exemplo de Joaquim Nabuco, José do Patrocínio e Quintino Bocaiuva.

Nos planos do golpe militar republicano (1889), ele constava como elemento para agitar as massas, todavia deveriam ser mantidos em segredo os planos para que ele não tomasse parte nas decisões do novo governo (FERNANDES, 2008, p. 199). Quando a Câmara Municipal do Rio de Janeiro, sob a condução do vereador José do Patrocínio, oficializou a Proclamação da República na capital, antes disso, estava acompanhado de Silva Jardim em ajuntamento popular que se reunira na porta de um jornal. Mas Silva Jardim só foi informado no dia a respeito dos planos do golpe militar associado aos evolucionistas do

partido republicano que, liderados por Quintino Bocaiúva, ajudaram a construir a cena política do novo regime.

Em meados de 1889, Silva Jardim planejava outras ações para agitar a cena política. Durante a posse do gabinete do governo de Ouro Preto pretendia realizar um *meeting* para ofuscar o novo governo. Os ânimos políticos estavam muito acirrados, com o perigo iminente de violência de ambas as partes, entre monarquistas e republicanos. Tem sua ação impedida pelo próprio partido republicano. Não satisfeito, resolve seguir viagem para o Norte no mesmo navio que o Conde D'Eu, mesmo sem autorização do partido (FERNANDES, 2008). O conde faria uma propaganda em favor do terceiro reinado. Em seu rastro, Silva Jardim faria a contraofensiva da propaganda republicana. Foi a maior audácia de sua parte, tanta afronta aos monarquistas.

Na Bahia foi recepcionado pela Guarda Negra, que queria agredilo; em Pernambuco foi bem recebido, mas não pôde fazer conferência no Recife por falta de segurança (FERNANDES, 2008). As polêmicas e sobressaltos renderam bons frutos ao partido republicano e à propaganda, sempre noticiadas pelos jornais do país, embora a figura de Silva Jardim fosse vista com reservas pela direção do partido republicano, por causa de seu apelo popular e revolucionário na implantação do regime republicano.

Em edições de julho de 1889 (nº. 131 e 137), o jornal *Verdade* relata os fatos dessa viagem ao Norte, tomando um claro partido em favor do propagandista republicano. A seção Gazetilha, dos fatos políticos, noticiava que enquanto Silva Jardim era “recebido entusiasmamente” em Timbaúba ou “anciosamente esperado” (sic) em Goyanna, já o conde D'Eu, apelidado de “conde dos cortiços”, era recepcionado com desprezo e indiferença popular, apenas com formalidade pelas autoridades nas capitais do Norte, segundo noticiava o jornal.

Considerações finais

Em 27 de fevereiro de 1889 o título da manchete das colunas editoriais é “89”, e sobre essa expectativa do centenário da revolução eles afirmam: “N’este anno, há um seculo, um povo extraordinario, n’uma chamma de coragem, indignado e sublime, corria as ruas de Pariz, regougando de raiva, pallido de horror, e ia quebrar a Bastilha – a prisão secular.” (Verdade, nº. 82). Em outro trecho da matéria, o jornal diz que, apesar do trabalho de propaganda das conferências, da tribuna, dos discursos, é preciso que cada cidadão se prepare, numa clara referência a armarse contra a Monarquia. A Revolução Francesa, como toda a cultura francesa, tornou-se um modelo de ação política e civilizatória, bem como o atraso da Monarquia brasileira estava associado ao Antigo Regime francês.

E com as mudanças sociais e políticas, surgem palavras novas no jornal: cidadão ou concidadão. Estas palavras são fruto da influência francesa, bem como a adoção dos *clubs* republicanos como forma de organização. Esse seria o novo pronome de tratamento, para tratar a todos com igualdade. Mas, embora os republicanos tenham sido tratados por “cidadão”, “patriota” ou “democrata” nos textos do jornal *Verdade*, foi também no Brasil que se criou a palavra “generalíssimo” para se referir ao marechal Deodoro (*Verdade*, nº. 250), como que uma necessidade de distinção social, de superioridade, típica da Monarquia, mas que permaneceu arraigada na sociedade brasileira.

Em uma outra edição do jornal *Verdade*, nº. 197, de 5 de dezembro de 1889, vemos na seção gazetilha a nota “Tratamento official”, informando sobre as novas formas de se referir às autoridades e cumprir as formalidades, com o novo regime republicano. O tratamento “Excellencia” e “Senhoria” deveria ser substituído por “Vós”, e a saudação final, típica das cartas e comunicados que dizia “Deus Guarde”, deveria dar lugar ao cumprimento republicano “Saude e Fraternidade”. “A Republica tem cousas! Si essa medida egualitaria agradou aos Vossas Mercês fez franzir os sobrolhos aos Excelências” (*Verdade*, nº. 197), diz ainda a nota, como forma de justificar as mudanças nas formas de tratamento, a intenção de nivelar a todos na República, o que não agradou aos antigos poderosos.

Passemos para outros conceitos caros à propaganda republicana, que constaram no jornal, são eles: liberdade, democracia e progresso. São temas recorrentes e que tem um significado especial na construção desses discursos. Essas palavras aparecem quase como equivalentes à República. Por que a liberdade foi reclamada pelos propagandistas da república, e mais que isso: a que tipo de liberdade se referiam? Seria a liberdade civil de cada cidadão de agir livremente ou seria também a liberdade econômica obstada pela burocracia monárquica?

Ao final dos sonhos republicanos, e com a instalação do regime nos anos seguintes a 1889, 1890 em diante, e a instalação da República oligárquica, os redatores não pouparam críticas ao governador da Parahyba e a desvios na instalação do novo regime político, críticas que apontavam a continuidade da corrupção, do fisiologismo e do desinteresse pela instrução pública. É preciso revisitar a propaganda republicana para entender que outros projetos e sonhos de sociedade foram propostos para a República no Brasil, além do projeto oligárquico vencedor.

Referências

ALMEIDA, Horácio de. **Areia e a abolição da escravatura: o apostolado de Manoel da Silva**. Recife: Gráfica do Jornal do Commercio, 1946.

ARRIADA, Eduardo; TAMBARA, Elomar Antônio Callegaro; DUARTE, Sheila. **A Sciencia do Bom Homem Ricardo: um texto de leitura escolar no Brasil imperial**. Hist. Educ., Porto Alegre, v. 19, n. 46, maioagosto, 2015.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da República no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia?** São Paulo: Brasiliense, 1981.

CONSTANT, Benjamin. **A liberdade dos antigos comparada à dos modernos**. [1819]. Trad. Emerson Garcia. São Paulo: Atlas, 2015 (Coleção Clássicos do Direito, v.3).

FERNANDES, Maria Fernanda Lombardi. **A esperança e o desencanto: Silva Jardim e a República**. São Paulo: Humanitas, 2008.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

_____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015.

GAUDÊNCIO, Francisco de Sales. **Joaquim da Silva: um empresário ilustrado do Império**. Bauru (SP): Edusc, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Recenseamento do Brasil em 1872**. Rio de Janeiro: Typ. G. Leuzinger, 1874?. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/bibliotecacatalogo?id=225477&view=detalhes>. Acesso em: jun. 2021.

MELLO, Maria Tereza Chaves de. **A República e o sonho**. Varia Hist., Belo Horizonte, v. 27, nº. 45, p. 121139, jan./ jun. 2011.

ORLANDI, Eni P. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. 13. ed. Campinas (SP): Pontes Editores, 2020.

_____. **Terra à vista: Discurso do confronto: Velho e Novo Mundo**. 2. ed. Campinas (SP): Unicamp, 2008.

Fontes

Edições do jornal Verdade dos anos de 1888 a 1892.